

AU.12

REVISTA COLAB



REVISTA COLAB AU
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PRIMEIRO SEMESTRE DE 2025 | ISSN 2674-8924
CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA

EXPERIENCIA



CORPO EDITORIAL

Danielle Skubs (coordenadora do curso)
Amanda Neves P. F. Pelliciari (docente)

EQUIPE EMAU 2025

Eduarda Ramos Oliveira
Giovana de Oliveira Novaes
Lorena Dias Jesus
Pedro Enrique Zicatti
Suellen Braz Costa
Thaysa Lopes Furtado

PROJETO GRÁFICO

Eduarda Ramos Oliveira
Suellen Braz Costa

FALE COM A GENTE!

 anchietaemau@gmail.com
danielle.skubs@anchieta.br

EDITOR INSTITUCIONAL

CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA
REVISTA COLAB.AU | N.12
PRIMEIRO SEMESTRE DE 2025
ISSN 2674-8924

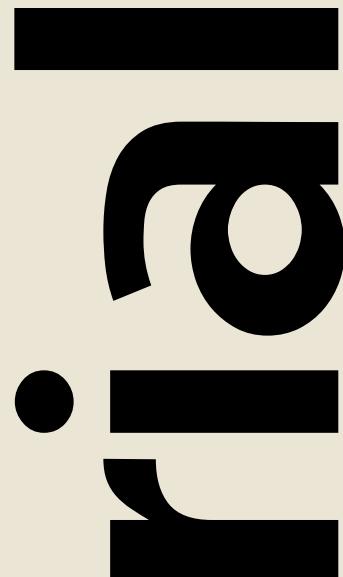
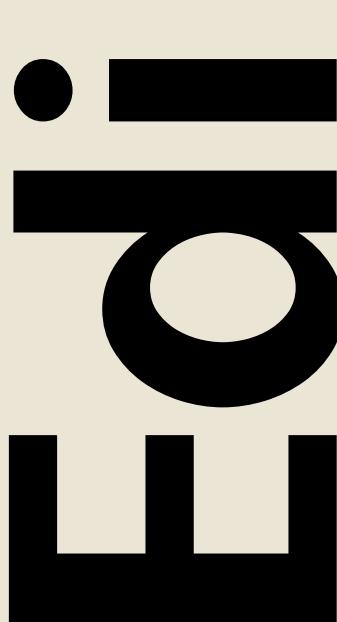
REVISÃO

Danielle Skubs

AUTORES E AUTORAS DESTA EDIÇÃO

Amanda Neves P. F. Pelliciari
Carolina Guida Cardoso do Carmo
Danielle Skubs
Eduarda Ramos Oliveira
Leandro Rodrigues
Mayara Zambon
Renan Alex Treft
Suellen Braz Costa
Wilson Silva

ENTENDENDO ESSA EDIÇÃO



A NATUREZA EM MEIO AO CONCRETO: A BIOFILIA COMO INSPIRAÇÃO

Nesta edição, convidamos você a olhar além das estruturas rígidas da cidade e perceber a presença sutil, mas poderosa, da natureza no ambiente urbano. Com um design que mescla o drama do concreto à suavidade dos tons terrosos, nossa capa simboliza a reconexão entre o ser humano e o meio natural — uma essência traduzida pelo conceito da biofilia.

A proposta desta edição não se limita à teoria: ela se entrelaça a temática do design biofílico, tornando-se uma extensão das ideias que iremos apresentar. O paisagismo, mais do que um recurso estético, é um agente transformador dos espaços, promovendo bem-estar e sustentabilidade em meio à rotina urbana.

Entre reflexões, imagens e projetos, esperamos que estas páginas provoquem um novo olhar sobre como habitamos os espaços e como podemos ressignificá-los. Afinal, a cidade e a natureza não são opostas — elas coexistem, e cabe a nós fortalecer essa conexão.

— Eduarda Ramos Oliveira e Suellen Braz Costa

01

VISITA PEDAGÓGICA

Visita à cidade de Paranapiacaba e suas curiosidades pg. 05

02

TRABALHO FINAL

Centro de Arte e Cultura Urbana por Leandro Rodrigues pg. 07

03

ENTREVISTA

Leandro Rodrigues Arquitetura em Sketchs pg. 19

04

CURIOSIDADES

Biofilia: O contato do homem com a natureza pg. 23
Ensaio sobre a Biofilia, por Mayara Zambon pg. 27
Caminhos pela cidade pg. 30

05

ARQUITETURA SOCIAL NA PRÁTICA

A transformação do Jardim São Camilo pela associação promovida popular pg. 34

06

TRABALHOS EMAU

Projeto do Centro Comunitário do São Camilo pg. 36

07

ARTIGO CIENTÍFICO

Uma década de sonhos: 10 anos do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta em Jundiaí pg. 40

O
—
A
—
M
—
U
—
D
—
S

VIAGEM À PARANAPIACABA

No dia 15 de março, conforme a proposta dos professores do curso, foi realizada uma visita a cidade de Paranapiacaba, localizada no município de Santo André, próxima ao litoral paulista. A cidade conta com grande influência da cultura inglesa, especialmente no que diz a respeito do setor ferroviário, devido à construção da estrada de ferro São Paulo Railway (SPR). Tal fato impulsionou o surgimento do vilarejo ao redor — dada a necessidade dos trabalhadores se estabelecerem nas proximidades de seu local de trabalho.



Se engana quem pensa que é só de ferrovias que a cidade se resume, muito pelo contrário, o local também é cercado de misticismo. Um dos mais conhecidos é a do “O Véu da Noiva” — uma trágica história de amor interrompida que culminou no suicídio de uma noiva abandonada no altar. Dizem que sua melancolia era tanta que o seu véu ainda cobre toda a região. Além disso, há histórias sobre a presença de bruxas na região — especialmente por abrigar a sede da Associação Brasileira de Bruxaria (ABB).

Conhecida como um “museu a céu aberto”, Paranapiacaba nos leva a uma imersão em um tempo passado. Com uma arquitetura proeminente do século XIX, o vilarejo e a estação ferroviária desativada transportam nossa mente para solos londrininos, mesmo que, em corpo, estejamos no interior de São Paulo.



Fotos realizadas pelos alunos Luciana



Se interessou pelo passeio? É possível conhecer a Vila por meio do [Expresso Turístico da CPTM](#), possibilitando uma exploração cultural pelo local e nos convidando a desfrutar de suas raízes históricas e de seus mistérios.



Fotos realizadas pelos alunos: Luciana Coelho, Nayara, Caíque e Nathalie Bueno

CENTRO DE ARTE E CULTURA URBANA

POR LEANDRO RODRIGUES

O conceito do projeto é de um espaço acolhedor, dinâmico e inspirador para incentivar o aprendizado e a prática das atividades artísticas mais tradicionais e com maior foco na linguagem da arte urbana,

promovendo conexão entre os artistas e os visitantes para disseminar o conhecimento, valor e ajudar a reduzir preconceitos existentes pela falta de acesso a esse tipo de conhecimento.



PARTIDO

O **partido arquitetônico** é de uma arquitetura que toma forma principal de um **abrigo ou “casa”** com seus telhados aparentes em duas águas nas edificações presentes no terreno, ou seja, um **ambiente seguro para os artistas se expressarem e aprenderem**. A relação entre os artistas e a população ocorre através das **salas de aulas práticas e das oficinas** que possuem amplas vidraças, permitindo que os visitantes assistam em tempo real as atividades e até mesmo as produções das peças que serão utilizadas nas exposições.

Através dos **percursos caminháveis** as pessoas desfrutam das obras criativas idealizadas pelos artistas, que estão expostas nos jardins, no salão de exposição e **ambientes de circulação**. O aspecto dinâmico da vida de um centro urbano é representado pela oficina de grafite, dança e a prática esportiva do skate que atuam em conjunto na arte urbana. Assim sendo, o projeto vem como uma iniciativa para **promover a arte na cidade de Jundiaí**, reduzindo o preconceito pela falta de conhecimento e **fornecendo ambientes adequados** para os alunos poderem estudar e produzir arte.

PROGRAMA DE NECESSIDADES

PRÉDIO 1



Setor Técnico

- Caixa d'água
- Máquina elevadores
- Depósito de lixo
- Guarita
- Carga e Descarga
- Estacionamento



Serviços

- DML (Comedoria)
- Enfermaria
- Despensa Cafeteria



Banheiros

- Vestiários Masculino e Feminino
- Vestiários PCD
- Banheiros Masculino e Feminino
- Banheiro PCD
- Banheiro Ostomizado Masculino e Feminino



Oficinas

- Oficinas de prancha de skate
- Sala de Grafite interna
- Grafite externa
- Sala de Dança 1 e 2
- Sala de música
- Sala de Canto



Social

- Deck interativo
- Cafeteria
- Comedoria interna e externa
- Skate Park
- Circulação superior
- Circulação vertical prédio 1
- Mirante
- Praça Sk8

PRÉDIO 2



Setor Técnico

- Depósito de Manutenção
- Maquinas Elevador
- Casa de Máquinas



Serviços

- Sala de Administração
- Copa para Funcionários
- Sala de Reuniões de Funcionários
- Sala para Professores
- Sala do Diretor
- Arquivo da Administração
- Sala de Segurança
- Sala de controle de T.I
- Circulação ADM
- DML (auditório)



Banheiros

- Banheiros Masculino e Feminino
- Banheiro PCD
- Banheiro Ostomizado Masculino e Feminino



Oficinas

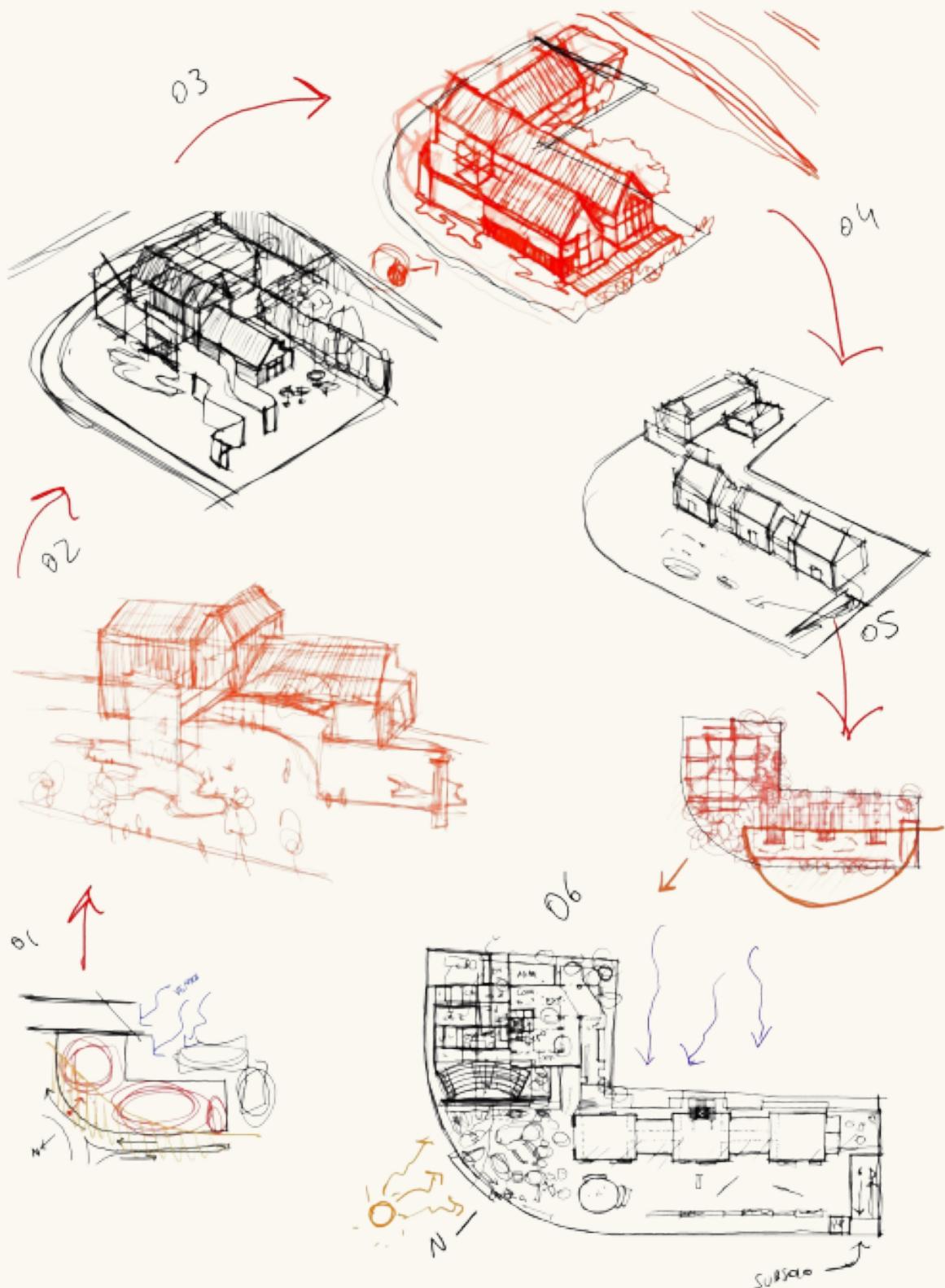
- Sala de Artes 1 e 2
- Laboratórios de Informática 1 e 2
- Laboratório de Fotografia
- Artesanato



Social

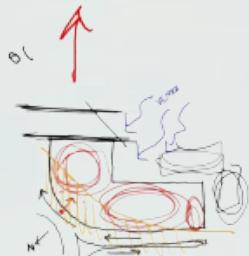
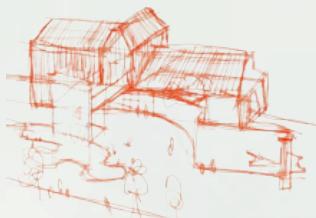
- Deck interativo
- Cafeteria
- Comedoria interna e externa
- Skate Park
- Circulação superior
- Circulação vertical prédio 1
- Mirante
- Praça Sk8

ESTUDOS VOLUMÉTRICOS



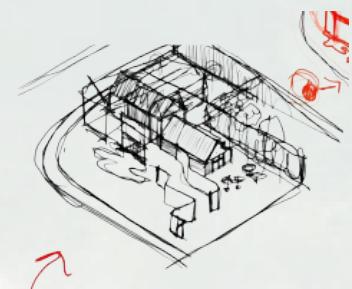
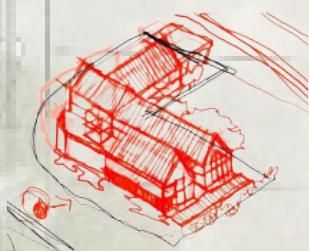
ESTUDOS VOLUMÉTRICOS

01 O primeiro estudo representa ambos os grandes espaços pensados para as duas edificações, deixando o setor da esquina livre para a entrada e para a praça;



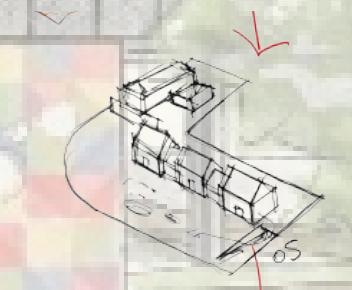
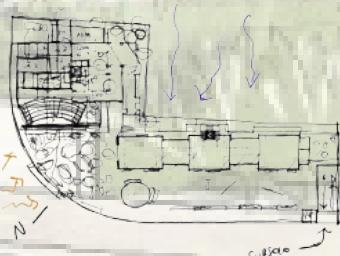
02 No segundo estudo a ideia de volumetria surge tendo como ponto focal um grande mural artístico, seguido da edificação atrás com dois níveis com telhado aparente, utilizando o trecho mais comprido do terreno

03 Evoluindo a ideia do estudo 02, na terceira ideia além da edificação com o mural foi inserido a segunda edificação, com dois pavimentos onde o superior contaria com grandes balanços, gerando áreas sombreadas para permanência no térreo



04 Neste estudo descartado, foi pensado em ocupar o trecho maior do terreno com uma edificação dupla para contemplar a maior parte do programa de necessidades, com um corredor livre no meio, porém deste estudo foi aproveitado somente o formato de uma edificação com a possibilidade de se ter mezaninos mesclados com áreas de pé direito duplo no seu interior

05 Na quinta versão foram aproveitadas as ideias de alturas diferentes na edificação mais comprida e o uso de balanço na segunda edificação, porém esse balanço seria apoiado com um grande mural pensado na ideia 01, abaixo da volumetria foi desenhado em planta baixa para entender como funcionaria essa versão



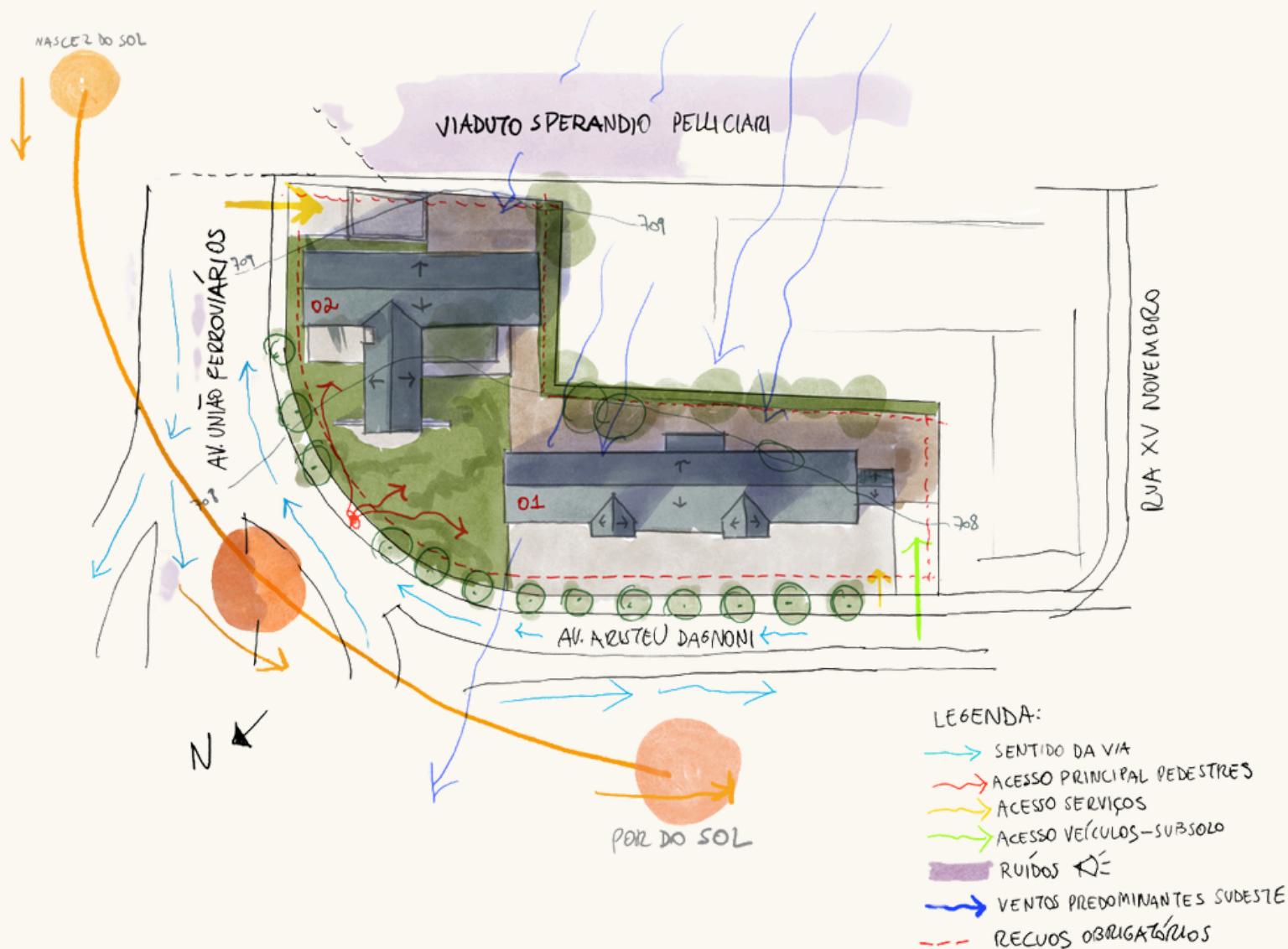
06 A sexta versão nos mostra o compilado de tudo que foi aproveitado de positivo já em planta baixa, pensando em posicionamentos de cada setor do programa de necessidades e do plano de massas



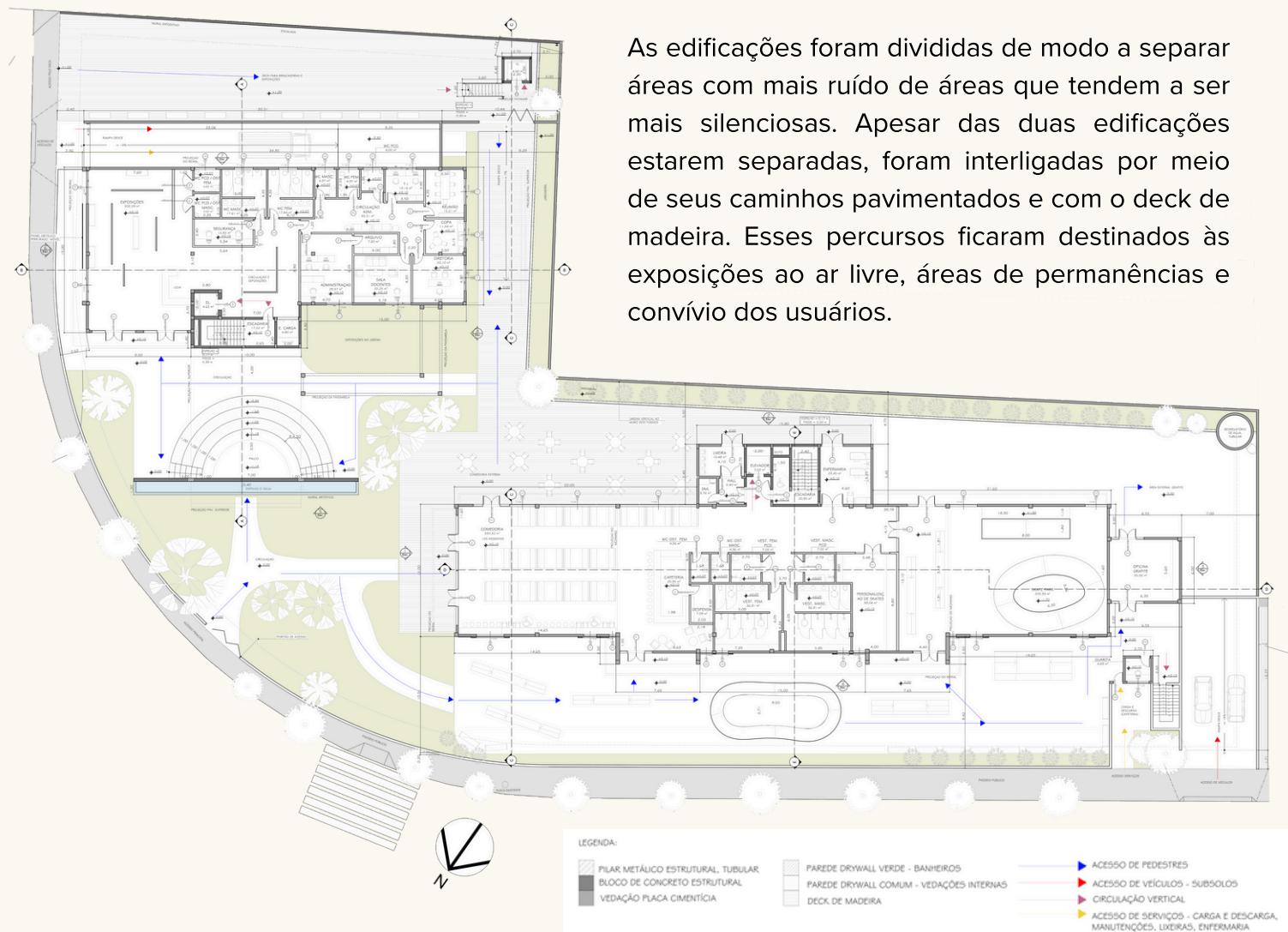
PLANO DE MASSAS

O edifício 01 contempla um formato mais comprido com uma praça pavimentada para atividades esportivas de skate e danças que conversa com as atividades internas do edifício que são das oficinas de *shapes* de skates e de grafite com uma área generosa de comedoria e cafeteria, um edifício que se pode chamar de mais ruidoso.

O segundo edifício possui dois pavimentos e tem seu formato em L no andar superior e retangular no seu térreo, onde o pavimento acima forma dois balanços em que um deles é sustentado na ponta por uma alvenaria que contará com mural artístico voltado para a rua atuando como um chamariz para os usuários e o segundo sustentado por vigas metálicas e que fica voltado para o fundo do terreno. Essa edificação contará com sala expositiva, banheiros e administração em seu térreo e salas de aula de artes tradicionais, digitais, artesanato e fotografia, contando ainda com uma passarela em L para contemplação do entorno.



IMPLEMENTAÇÃO



Edificação 01: No térreo, há um salão com comedoria e cafeteria integradas, banheiros, vestiários, enfermaria, escada e elevador. Ao fundo, fica o skate park, oficina de skates e oficina de grafite (com área externa). Na frente, uma praça pavimentada serve para skate, dança e contempla um mural artístico.

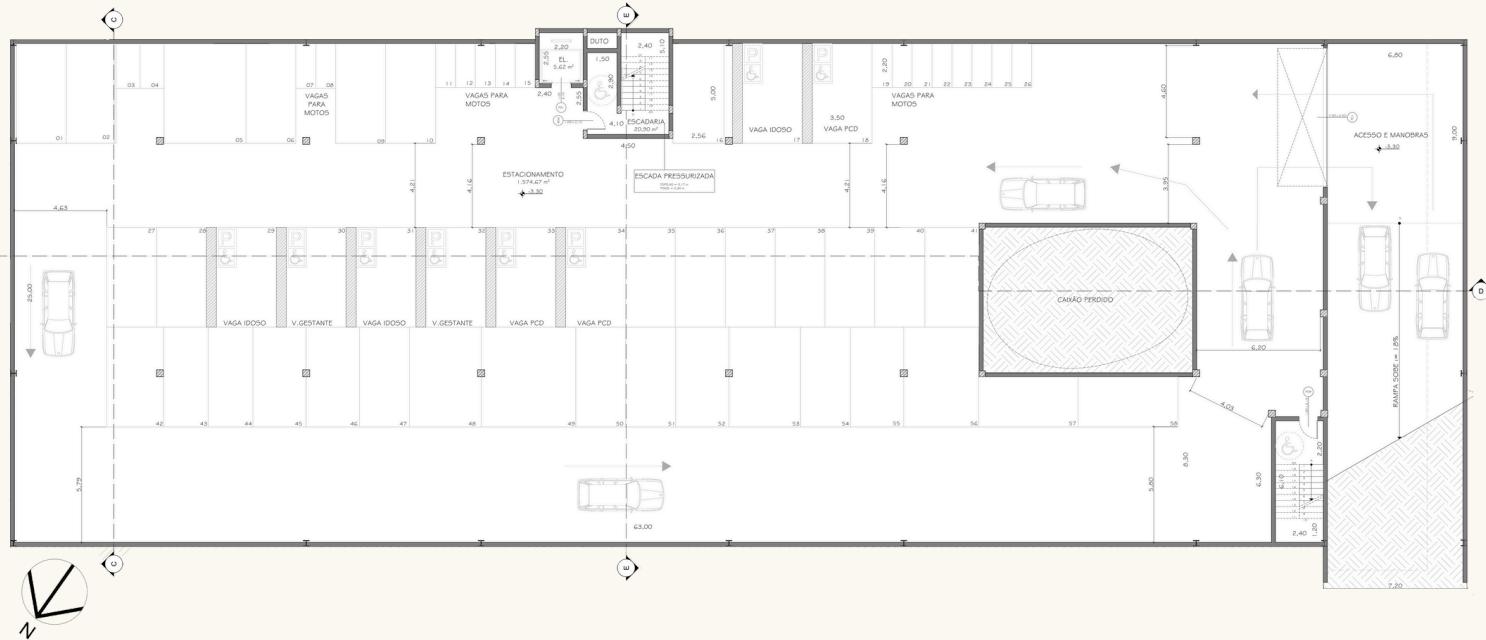
Edificação 02: A entrada é pela esquina, com mural e concha acústica ao fundo. No térreo, há espaço de exposições, loja e setor administrativo com salas de atendimento, direção, reuniões, copa, T.I. e segurança.

Área Externa: Ao lado do viaduto Pelliciari, há um mural, área infantil de escalada e um deck de madeira que conecta os prédios. Um mirante com escada e elevador permite vista panorâmica e acesso ao viaduto.

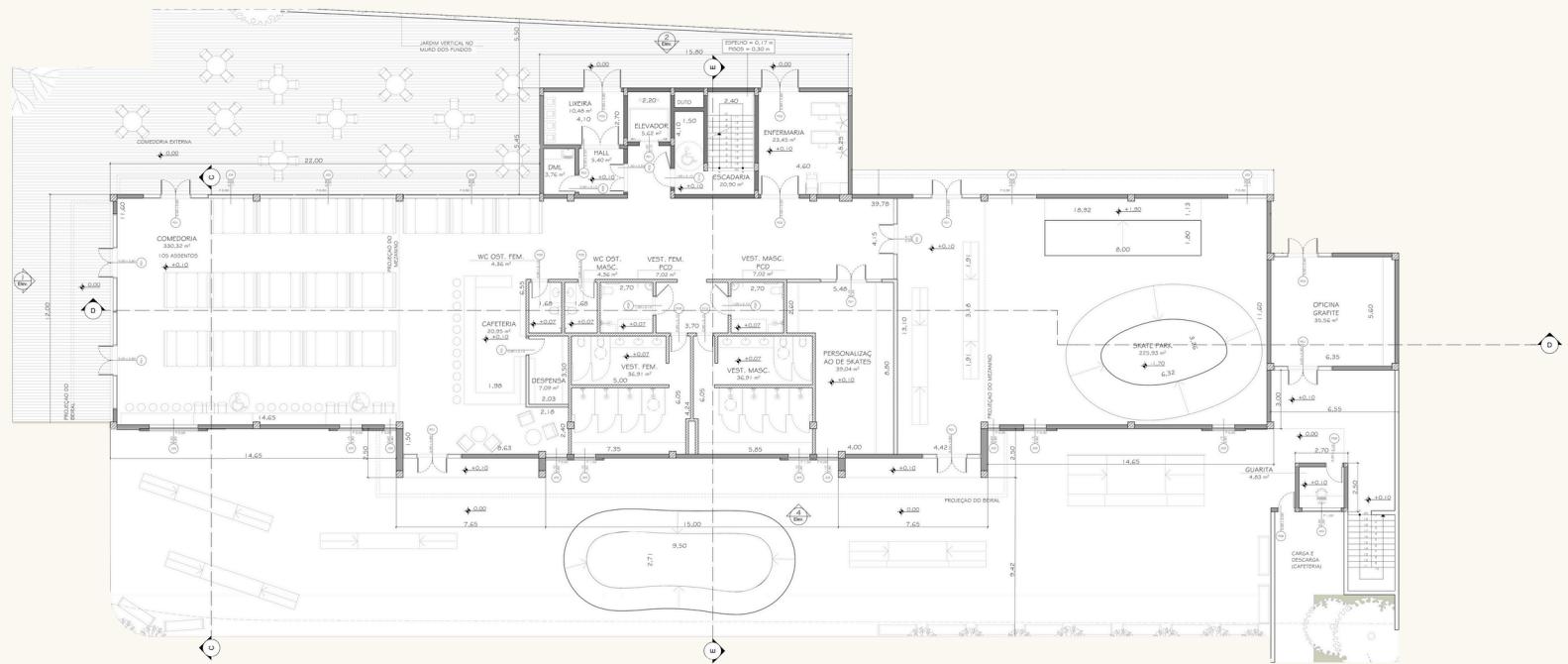


PLANTAS

PLANTA - SUBSOLO



PLANTA - TÉRRERO

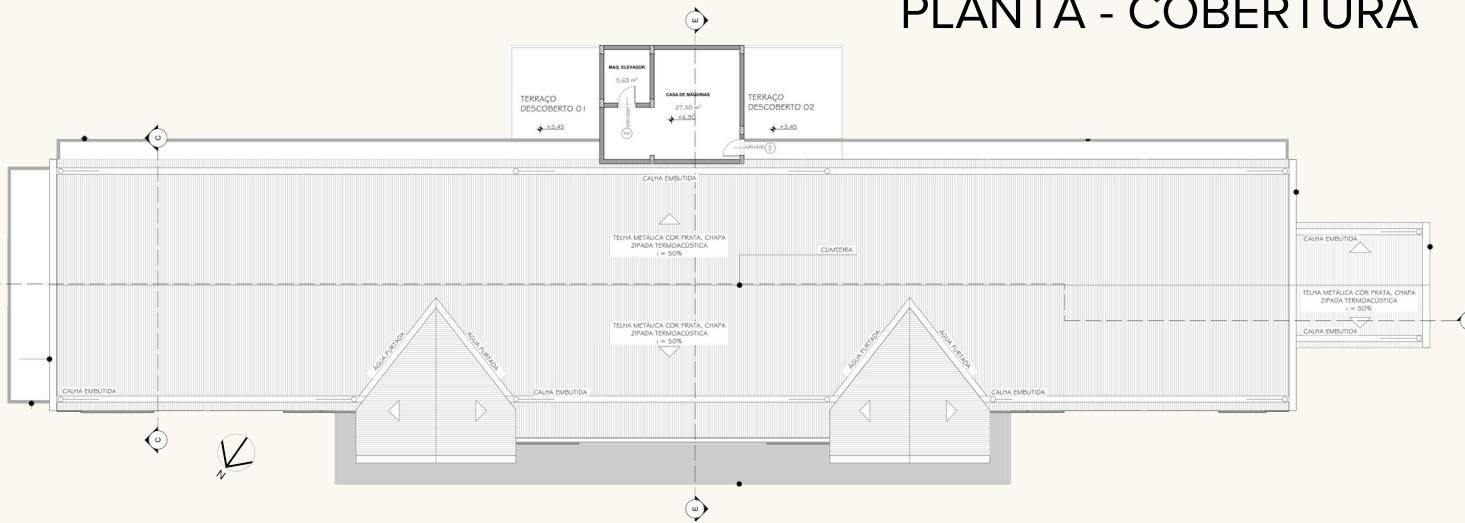


PLANTAS

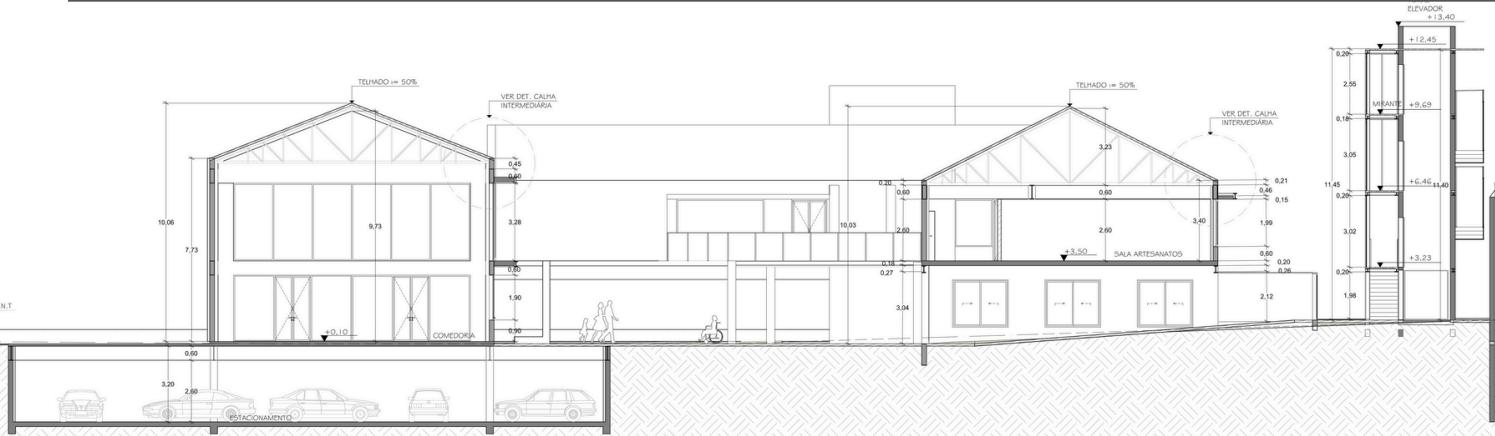
PLANTA - 1º PAVIMENTO



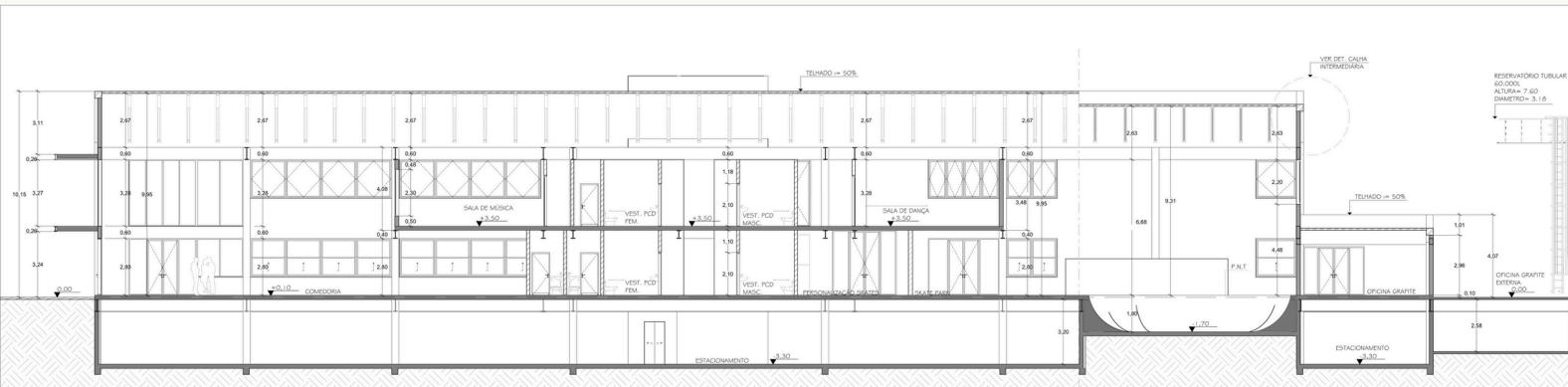
PLANTA - COBERTURA



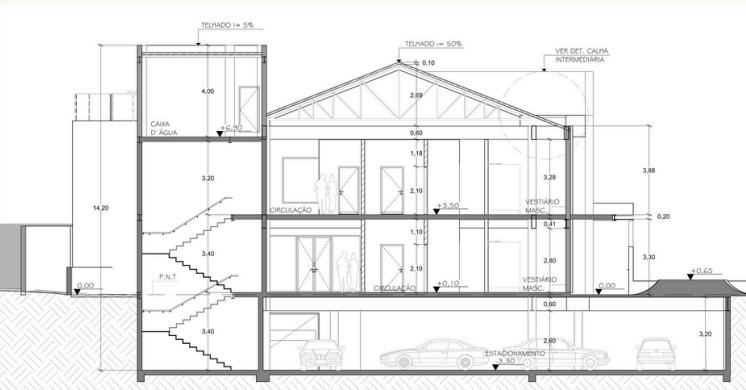
CORTES



CORTE CC



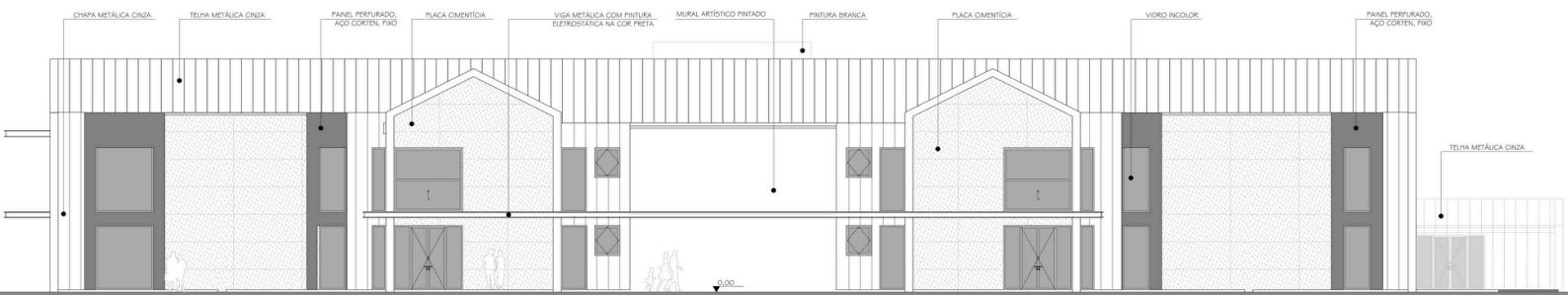
CORTE DD



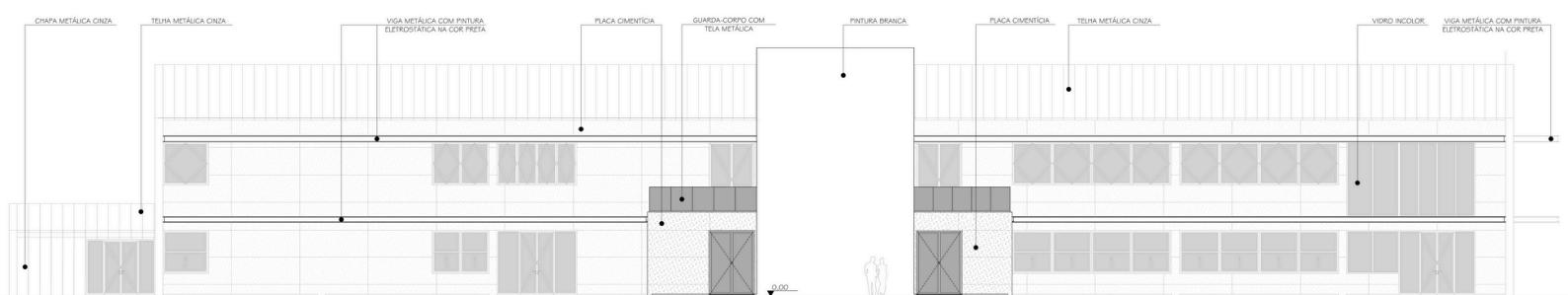
CORTE EE



FACHADAS



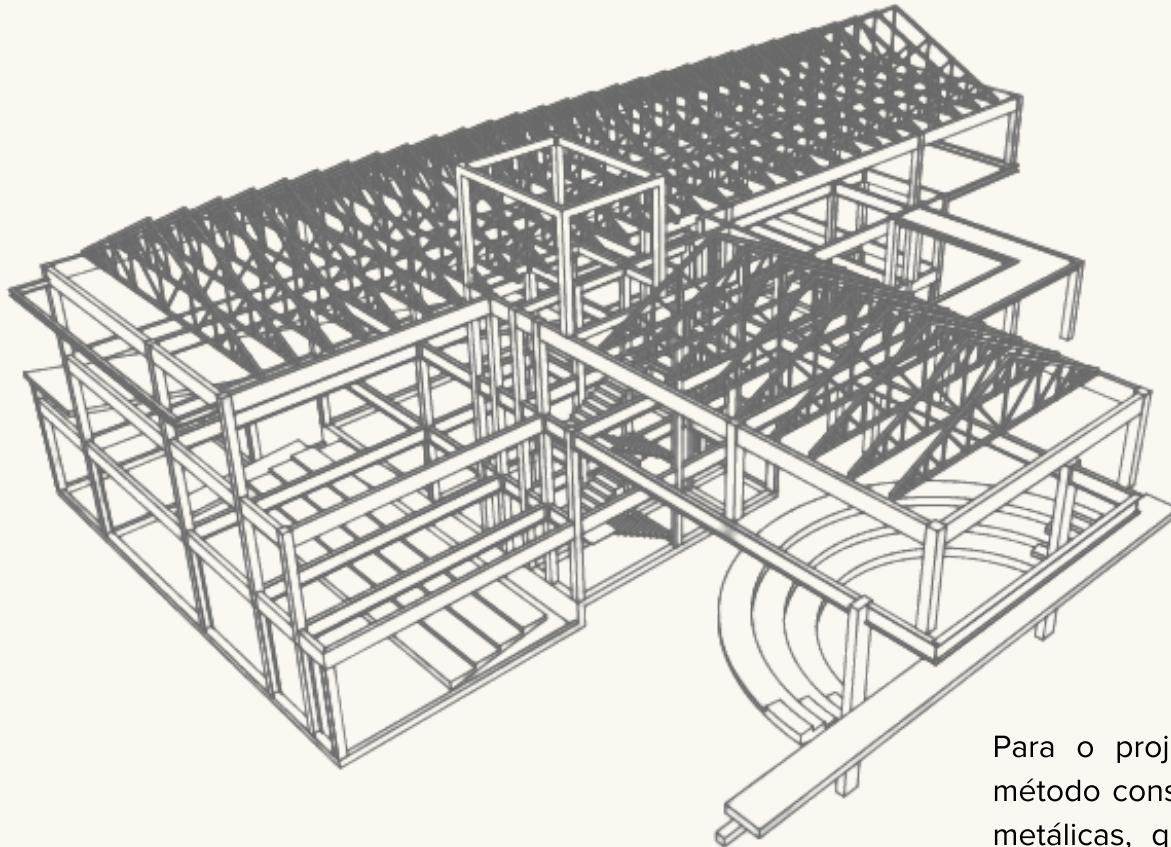
FACHADA FRONTAL



FACHADA FUNDOS



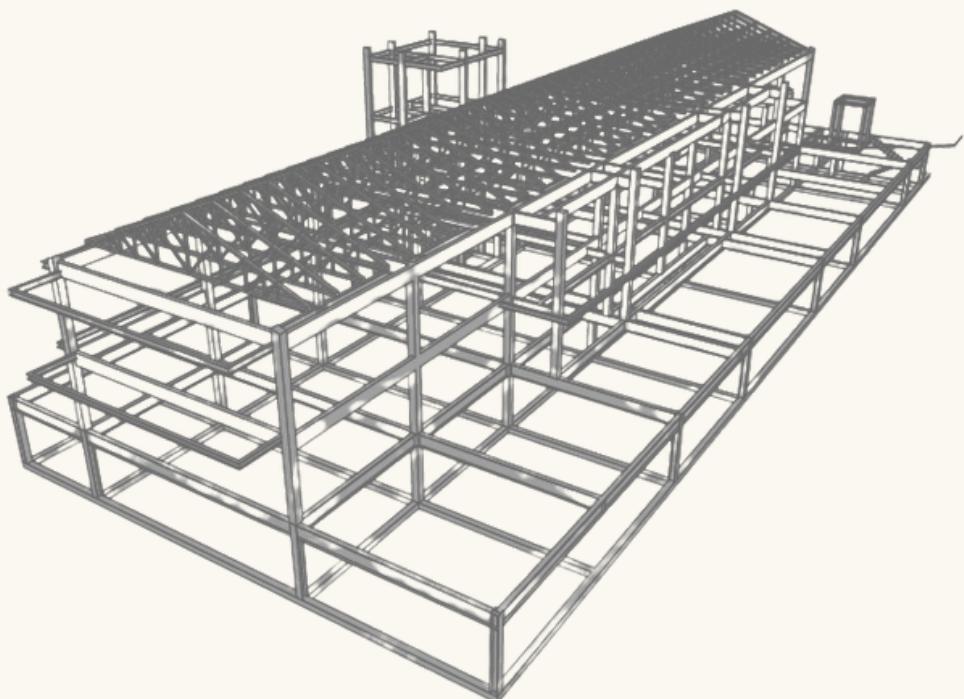
ESTRUTURAS



Para o projeto foi escolhido o método construtivo de estruturas metálicas, que permite grandes vãos e maior flexibilidade na disposição dos espaços internos.

Nas áreas internas das duas edificações, as vigas têm o perfil I, enquanto nas extremidades perfil tubular. Essa escolha das vigas tubulares facilitam a fixação das molduras metálicas que suportam as placas cimentícias que atuam como vedação externa das edificações.

Os pilares metálicos tubulares foram dispostos de modo a não prejudicar a circulação em nenhum dos pavimentos e principalmente nos subsolos





ENTREVISTA — ARQUITETURA EM SKETCHS

Nesta edição da Revista COLABA AU, entrevistamos o Leandro, autor do projeto **“Centro de Arte e Cultura Urbana”**, para conhecer de perto o processo criativo por trás de um projeto arquitetônico. A conversa também nos leva a refletir sobre a importância do acesso à arte como porta de entrada para a cultura, além de destacar o papel fundamental que a arte desempenha na arquitetura e no design.

ENTREVISTA COM O LEANDRO

■ Nós pudemos conhecer sobre a qualidade artística do seu TCC e sobre as questões críticas de acessibilidade à arte. Estabelecendo uma linha do tempo: Sabemos que a afinidade com a arte é um caso antigo, mas como isso te influenciou na sua jornada como leigo, estudante e, posteriormente, arquiteto?"

"Resumindo, desde sempre gostei de desenhar, porém, eram sobre pessoas, mangá e anime. Com o tempo, refletindo sobre futuro profissional e observando os cenários urbanos, comecei a estudar perspectiva, seja com um ponto ou três, e foi o que me levou à arquitetura.

O que me ajudou, tanto nas fases iniciais quanto no TCC, é sempre ter estado em contato com múltiplas ideias sendo rabiscadas no papel, pulando várias etapas de estudos."

■ Aprofundando sobre o seu TCC, como toda essa bagagem e conhecimento te levaram a escolher esse tema?

"Tivemos uma matéria com o professor Renan em que tínhamos que produzir um centro esportivo ou uma escola de artes — e eu optei pela segunda opção. No final das contas, meu projeto de TCC acabou seguindo essa mesma linha. A partir disso, comecei a pesquisar projetos similares como estudo de caso, como o SESC Pompéia e o SESC Vergueiro e outras referências do próprio ArchDaily."

■ Durante o processo criativo do TCC, como você organizou suas referências artísticas e culturais em um projeto autoral? Você usou referências artísticas que já tinha contato ou também foi buscar em outros tipos de manifestações?

"Bom, eu diria que não foi muito longe, pois estava imerso nessa narrativa. Acho que vale mencionar meu Instagram, já que eu sempre tive afinidade com construções com formato de 'casinhas' e que seguissem uma linearidade. Além de buscar influências de escritórios que admiro, como o Bernardes Arquitetura e o Jacobsen Arquitetura. De certa forma, minhas referências seguiram esse mesmo estilo."





fotos retiradas do instagram do Leandro

■ **Saindo um pouco do campo universitário, você possui uma parceria com o Guilherme Toledo, membro do grupo de desenho urbano. Como surgiu essa ideia e qual foi o processo de desenvolvimento?**

“Conheci o trabalho dele por meio de postagens e pelo site, em que já continha outros cursos e parcerias. Por meio de conversas, propus a parceria e assim dividimos: eu na perspectiva externa e ele na interna. Quando lançamos o curso, oferecemos a primeira aula gráts, mostrando a perspectiva de uma casa, em uma versão mais simples.”

■ **Acrescentando à última pergunta, você sente que ao tirar dúvidas de outras pessoas isso contribui para o seu próprio desenvolvimento e conhecimento?**

“Sim, é importante quando há dúvidas. É aquela história: Quando você ensina, você re-aprende. Todo o processo de formulação da resposta até a explicação, de fato, é importante para ser professor, que não é o caso ainda (risos).”

■ **Profissionalmente falando, atualmente, como você enxerga o papel da arte no seu trabalho de arquiteto e designer? Você sente que isso te ajudou a construir uma ponte entre o desenho à mão e a prática profissional?**

“É, facilitou bastante. Quando comecei a trabalhar, eu notei que meu chefe explicava aspectos da obra com desenhos, na superfície que estivesse disponível. E são nesses momentos que a arte é importante na arquitetura. É você saber compartilhar uma ideia. Você não precisa ser um desenhista, mas saber o básico é essencial.

E em relação ao mercado de trabalho, esse desenvolvimento é útil na criação de portfólio. Então, quanto mais diversidade de conhecimento você tiver — desenhos, renderização e maquetes —, mais preparado você vai estar para oportunidades que possam surgir.”

ENTREVISTA COM O LEANDRO

■ Você mencionou a sua trajetória no mundo artístico e como ela contribuiu para seu crescimento como artista. Que conselho você daria para quem quer desenvolver habilidades artísticas, mesmo sem ter uma relação próxima com a arte?"

"Pessoalmente, eu não tive a oportunidade de fazer um curso de artes, principalmente porque é algo que costuma não ser muito acessível. Então, fui aprendendo muito por observação, vendo desenhos na TV, por exemplo, e explorando por conta própria. Hoje em dia, com a internet, você encontra muitos tutoriais no YouTube, no Instagram... Tem muito material disponível e claro, a inteligência artificial, que pode ser uma grande aliada nossa.

Entretanto, o importante é praticar. A prática diária realmente fez diferença no meu desenvolvimento artístico. Então, para quem tem vontade de aprender, o segredo é mergulhar de cabeça. Não adianta praticar uma vez por mês — tem que virar um hábito na sua rotina".

■ Para fechar: se você pudesse dar um conselho para quem tem o objetivo de abordar esse viés artístico, ou que goste do tema, no TCC, qual seria?

"Ter referências é algo muito importante. No meu TCC, por exemplo, quando decidi que faria um Centro de Arte Cultural e Urbana, comecei a pesquisar artistas contemporâneos que tivessem relevância e influência. Eu diria que encontrar um artista de referência e mergulhar no universo dele pode enriquecer demais o projeto. Foi aí que encontrei o Kobra — aquele grafiteiro brasileiro que faz murais incríveis, e quando finalizei meu projeto, usei a inspiração nas obras dele para criar murais artísticos, e repliquei seu estilo nos meus desenhos em frente à pista de skate que projetei no TCC. Enfim, ter uma referência forte te ajuda a dar direção pro projeto e também te motiva a explorar coisas novas. Acho que é isso: encontrar alguém que te inspire e usar isso como um norte no desenvolvimento do trabalho."





Arquiteto e designer de interiores, Leandro é ex-aluno da nossa faculdade, formado em 2024. Em 2016, criou um perfil no Instagram voltado a ilustrações arquitetônicas feitas à mão livre, que logo ganhou destaque nas redes sociais. Atualmente, ele mantém parcerias com arquitetos internacionais e marcas de arte, além de ministrar um curso online de ilustrações arquitetônicas manuais, em colaboração com Guilherme Toledo.



Acompanhe o perfil do Leandro nas redes sociais: [@lrodrigues.sketches](https://www.instagram.com/lrodrigues.sketches)

Ao final da entrevista, o Leandro deixou um recado para os outros estudantes da faculdade:

"Eu queria deixar uma dica que pode ajudar outros alunos: escutem os professores, não deixem tudo para última hora e sigam o cronograma direitinho. Tentem fazer tudo o que está planejado — de preferência, adiantem um pouco — para sobrar tempo de dar os toques finais nos projetos com calma.

Se deixar acumular, as coisas se atropelam e não dá tempo de fazer tudo como você gostaria. Então se programem, levem o processo a sério desde o início... Isso faz toda a diferença no resultado."

CURIOSIDADES: BIOFILIA

O CONTATO DO HOMEM COM A MÃE NATUREZA

Você já parou para pensar em como a presença da natureza afeta seu bem-estar? A biofilia, termo popularizado pelo biólogo e ecólogo Edward Osborne Wilson em seu livro *Biophilia*, descreve a necessidade inata do ser humano de se conectar com a natureza e outras formas de vida. Essa relação, profundamente enraizada em nossa evolução, influencia nossa saúde, emoções e qualidade de vida.

Ao longo da história, o ser humano sempre esteve em constante interação com a natureza. No entanto, com o avanço das cidades e o processo de urbanização, esse contato foi gradualmente se perdendo, o que acarretou diversos impactos negativos, como o aumento da ansiedade, da fadiga mental e da diminuição da produtividade. Por outro lado, estudos indicam que ambientes naturais, ou que incorporam elementos biofílicos, contribuem para a redução do estresse, a melhora da concentração e o aumento da sensação de bem-estar.



Um exemplo da integração da natureza dentro do espaço urbano é a Praça da Liberdade em BH (Belo Horizonte), trazendo a vegetação local para dentro da cidade.

Praça da Liberdade, Belo Horizonte MG. Foto: Unesp

“A ARQUITETURA BIOFÍLICA BUSCA INTEGRAR ELEMENTOS NATURAIS AOS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS.”

Então, como podemos resgatar essa conexão no meio urbano? A resposta está na biofilia aplicada à arquitetura e ao urbanismo. A arquitetura biofílica busca integrar elementos naturais aos espaços construídos, tornando-os mais harmônicos e saudáveis para seus ocupantes. Isso pode acontecer de diversas formas, como: paredes e telhados verdes, formas orgânicas e materiais naturais presentes nos acabamentos e mobiliários, áreas de convívio ao ar livre e principalmente a iluminação e ventilação natural.

No urbanismo, a biofilia se manifesta em projetos que resgatam a vegetação nativa, criam corredores ecológicos e estimulam a convivência entre a cidade e a natureza, tornando os espaços urbanos mais humanos e sustentáveis.





UM FUTURO MAIS VERDE E CONEC TADO

• • •

Em um mundo cada vez mais cinza e tecnológico, o resgate da biofilia não é apenas um diferencial estético, mas uma necessidade. Arquitetos, urbanistas e planejadores urbanos desempenham um papel fundamental nessa transformação, criando ambientes que não apenas abrigam, mas também acolhem e regeneram.

Seja por meio de um jardim vertical, uma janela ampla para a luz natural ou um simples toque de madeira nos acabamentos, a biofilia nos lembra de que somos parte da natureza e precisamos dela para viver melhor.

ENSAIO SOBRE BIOFILIA

UM RESGATE ANCESTRAL —

POR MAYARA ZAMBON

Vivemos em tempos de múltiplas urgências: climática, emocional, urbana. No meio desse turbilhão, a arquitetura busca novos caminhos — ou, talvez, velhos caminhos esquecidos. Este ensaio propõe uma reflexão sobre a biofilia não apenas como estratégia projetual ou tendência estética, mas como um reencontro com saberes ancestrais que sustentaram formas de vida em harmonia com o planeta por milênios. Trata-se de pensar a arquitetura não só como conhecimento técnico, mas como tecnologia ética.

A biofilia, termo popularizado por Edward O. Wilson nos anos 1980, nos lembra que o ser humano tem uma necessidade inata de se conectar com a natureza. Essa conexão não é apenas estética ou funcional, é vital. É um lembrete poderoso: somos uma espécie — *Homo sapiens* — parte da natureza, não acima dela. Este planeta pode existir sem nós, mas nós não sobrevivemos sem ele.

Enquanto nossa espécie habita a Terra há cerca de 300 mil anos, a energia elétrica existe há somente 200 anos, e a Revolução Industrial alterou radicalmente nossa forma de viver e habitar. Construímos grandes cidades, endurecemos paisagens, mudamos o curso dos rios e nos afastamos da terra. Hoje, passamos cerca de 90% do tempo em ambientes construídos, muitas vezes completamente desconectados do mundo natural. Mas nosso corpo é orgânico, nosso sistema é biológico, e ele ainda responde à luz do sol, ao som da água, à textura da madeira, aos aromas das folhas.

A neurociência tem produzido evidências claras dos efeitos regeneradores da natureza sobre nosso corpo e mente. Mas será mesmo que estamos “descobrindo” algo novo? Ou somente reencontrando aquilo que os povos originários sempre souberam?

As arquiteturas indígenas, quilombolas e de outros povos originários ao redor do mundo sempre foram, essencialmente, biofílicas. Seus espaços respeitam os ciclos da vida, integram-se com os ecossistemas e reconhecem a interdependência entre todos os seres. Esses saberes, muitas vezes invisibilizados pela colonização e pela lógica produtivista do urbanismo moderno, carregam respostas urgentes às perguntas que hoje tentamos resolver com sensores e algoritmos.

O design biofílico traz estratégias práticas para reintegrar elementos e padrões naturais aos ambientes construídos, promovendo bem-estar, saúde e pertencimento. Mas de nada adianta se essa reconexão for apenas estética, ela precisa ser consciente, ética e enraizada no respeito com a natureza. Como aponta Stephen R. Kellert (2005), um dos principais teóricos da biofilia, seu verdadeiro potencial está em gerar conexões significativas entre seres humanos e o mundo natural, não apenas por meio da forma, mas por meio de valores e práticas que reconheçam essa interdependência.

"A arquitetura do amanhã é, na verdade, a arquitetura que precisamos fazer agora: uma arquitetura que respeite as raízes da nossa cultura."

A presença de plantas nos escritórios vai além da função decorativa. Água corrente, texturas naturais, aromas vegetais — tudo isso comunica com o corpo, com a memória, com o afeto. E mais: comunica com a coletividade. Porque a biofilia não é só individual. É uma postura cultural que reconhece que o bem-estar de uma pessoa está entrelaçado ao bem-estar das formas de vida ao seu redor.

Falar de saúde humana é também falar da nossa relação com a Terra. Reconhecer que somos parte — e não centro — do planeta é o primeiro passo para compreender, com profundidade, o que diz Ailton Krenak: “O futuro é ancestral.”

Ancestralidade não é nostalgia: é tecnologia. Social, ecológica, sensível e espacial. Trazer esses saberes para o centro do debate arquitetônico é abrir caminho para uma arquitetura comprometida com a mitigação da crise climática, com o respeito aos ciclos naturais e com a construção de futuros habitáveis, não apenas para nós, mas para todas as formas de vida.

Em um mundo cada vez mais concreto, cinza e isolado, resgatar o vínculo com o verde, com o vento, com o ciclo do sol e da água é um ato de sobrevivência e de cuidado. Pensar a biofilia como ferramenta desse resgate ancestral é devolver o protagonismo a quem, há mais de 12 mil anos, já pratica o cuidado com a terra, com a água e com o coletivo neste território. Não podemos esperar soluções estrangeiras para problemas que são específicos do nosso país, é preciso romper com a lógica eurocentrista que ainda rege como pensamos e construímos nossas cidades.

A arquitetura do amanhã é, na verdade, a arquitetura que precisamos fazer agora: uma arquitetura que respeite as raízes da nossa cultura, que compreenda nossas particularidades e celebre nossa diversidade. Precisamos de ambientes mais saudáveis para que uma sociedade mais saudável seja possível, e isso só será viável se praticarmos o maior princípio da biofilia: o respeito às diversas formas de vida.



CONHEÇA MAYARA ZAMBON:

Mayara é uma arquiteta e urbanista que se especializou em neuroarquitetura. Além de ser uma pesquisadora sobre as influências da cultura indígena no design biofílico, possui um blog chamado “Além de Paredes” e é membro da OSG Pró Moradia Popular.

CAMINHOS — PELA CIDADE CONHECENDO JUNDIAÍ —

Jundiaí se destaca por ser uma região rica em história e cultura que preserva em sua paisagem urbana marcos que refletem seu desenvolvimento ao longo dos séculos. Suas mesclas de modelos neoclássicos e modernistas são exemplos de seu caráter cativante.

Aqui neste capítulo, exploramos a história, a arquitetura e o perfil construtivo de três importantes monumentos jundiaienses.

Passaremos pelos séculos XVII, XIX e XX para conhecer o Complexo de Estação Ferroviária de Jundiaí — a primeira ferrovia do país — a Catedral de Nossa Senhora de Desterro — que teve papel fundamental na origem da cidade — e a Vila Arens — berço da industrialização da cidade e lar da Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

Já se perguntou por que as construções da cidade possuem um caráter igualitário? Ou se deparou com algum patrimônio que despertou sua curiosidade? Vamos explorar como essas edificações desempenham um papel fundamental na construção identitária de Jundiaí!



Pinacoteca Diógenes Duarte Paes. Foto: Câmara Municipal de Jundiaí

CURIOSIDADES

COMPLEXO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE JUNDIAÍ

Poucos sabem, mas a Estação Ferroviária de Jundiaí carrega uma história fundamental para o desenvolvimento da cidade. Inaugurada em 17 de fevereiro de 1867, a estação, que liga Jundiaí a Santos, foi a primeira do país. Ela teve um papel crucial no processo de urbanização do município, que cresceu e se desenvolveu como um centro de produção e distribuição em São Paulo. Além disso, a cidade passou por diversos ciclos econômicos após a expansão cafeeira, até se consolidar como um polo industrial e um importante centro de redistribuição.

Entre 1895 e 1902, a estação original foi substituída por uma grande edificação no estilo vitoriano, ornamentada com ferro fundido, característico da chamada “arquitetura ferroviária”.

O complexo conta com uma edificação em cada plataforma (duas no total). A principal possuía amplas acomodações para os passageiros e para o chefe da estação, sendo ricamente decorada. Além disso, dispunha de uma cobertura em ferro fundido que se estendia sobre as linhas férreas.

**CATEDRAL NOSSA SENHORA DO DESTERRO**

Historicamente, a construção de uma capela ou igreja era exigida pelas ordens do rei de Portugal para a fundação de povoados nas terras coloniais. Em Jundiaí, a capela, originalmente erguida em taipa de pilão, em 1651, foi localizada no ponto de origem da cidade e dedicada a Nossa Senhora do Desterro.

Entre 1886 e 1891, a igreja passou por várias reformas, e seu estilo barroco português foi substituído

pelo neogótico, que a caracteriza até os dias atuais. Já entre 1921 e 1926, foram construídas as capelas internas e as abóbadas. Além disso, os afrescos das paredes foram pintados pelo artista italiano Arnaldo Mecozzi, e os vitrais característicos foram confeccionados pela Casa Conrado Sorgenicht.

Foi somente em 1966 que a igreja recebeu a designação de Catedral.

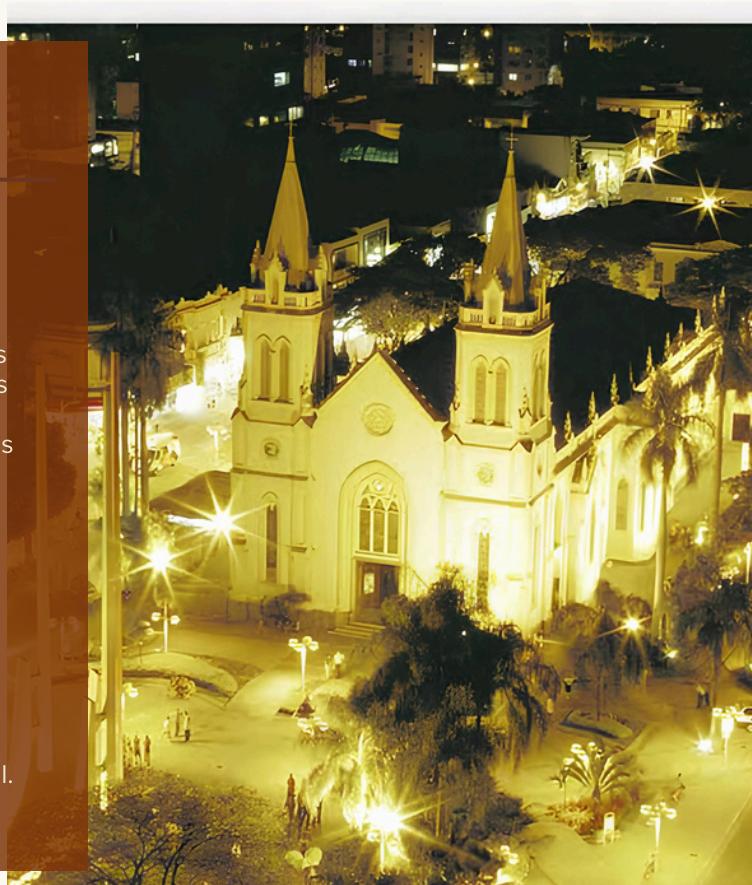
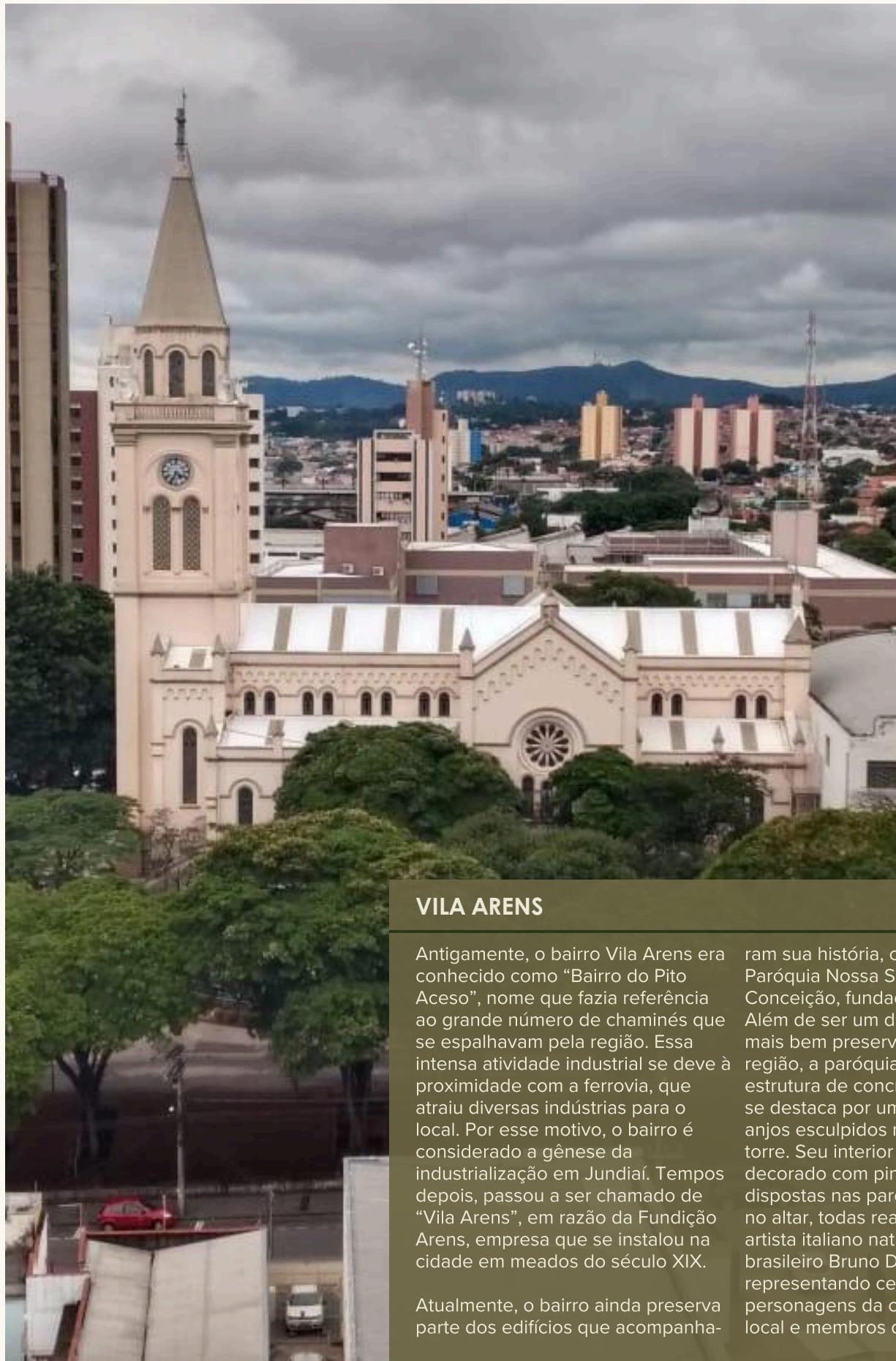


Foto realizada por Roberto Barros



VILA ARENS

Antigamente, o bairro Vila Arens era conhecido como “Bairro do Pito Aceso”, nome que fazia referência ao grande número de chaminés que se espalhavam pela região. Essa intensa atividade industrial se deve à proximidade com a ferrovia, que atraiu diversas indústrias para o local. Por esse motivo, o bairro é considerado a gênese da industrialização em Jundiaí. Tempos depois, passou a ser chamado de “Vila Arens”, em razão da Fundição Arens, empresa que se instalou na cidade em meados do século XIX.

Atualmente, o bairro ainda preserva parte dos edifícios que acompanha-

ram sua história, como a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, fundada em 1934. Além de ser um dos edifícios mais bem preservados da região, a paróquia possui uma estrutura de concreto armado e se destaca por um grupo de anjos esculpidos nas laterais da torre. Seu interior é ricamente decorado com pinturas dispostas nas paredes, no teto e no altar, todas realizadas pelo artista italiano naturalizado brasileiro Bruno Di Giusti, representando cenas bíblicas, personagens da comunidade local e membros do clero.

Foto retirada da Revista Missão Salvatoriana

ARQUITETURA SOCIAL NA PRÁTICA

A TRANSFORMAÇÃO DO JARDIM SÃO CAMILO — PELA ASSOCIAÇÃO PRO MORADIA POPULAR —

POR WILSON HENRIQUE

Em meio às ladeiras e vielas do Jardim São Camilo, um dos bairros com maior vulnerabilidade social e estrutural de Jundiaí-SP, uma transformação silenciosa, mas profunda, vem acontecendo. À frente dessa mudança está a Associação Pro Moradia Popular, uma entidade criada para enfrentar de maneira concreta e coletiva o desafio do acesso à moradia digna.

Fundada por Wilson Henrique, morador do próprio bairro, a associação nasce do chão da comunidade. Wilson é mais que um líder local: é bacharel em Direito, jornalista, pós-graduado em Urbanismo Social e Sociedades, e, acima de tudo, um mobilizador nato. Sua vivência no Jardim São, somada à formação acadêmica e ao compromisso com a justiça social, deu origem a uma organização que une conhecimento técnico e sensibilidade comunitária.



Um dos principais projetos atuais da associação é o Programa de Arquitetura Social, que tem como palco a residência da dona Ondina, uma das moradoras mais antigas do bairro. O programa conecta estudantes e profissionais de Arquitetura e Urbanismo com moradores em situação de vulnerabilidade, promovendo reformas e melhorias habitacionais que respeitam a identidade cultural do território e as necessidades reais das famílias.

Essa iniciativa, além de trazer dignidade para quem vive em moradias precárias, oferece um laboratório vivo para os futuros arquitetos. “A Arquitetura Social é um campo fundamental para repensarmos a prática profissional. Não se trata apenas de construir casas, mas de reconstruir cidadanias”, explica Wilson Henrique.



A atuação da Associação Pro Moradia Popular mostra que a arquitetura pode — e deve — ser instrumento de transformação social. Em uma cidade como Jundiaí, onde o déficit habitacional ainda é um desafio relevante, iniciativas como essa têm o potencial de complementar e influenciar as políticas públicas de habitação, servindo de modelo para outras regiões do país.

Por meio do diálogo entre comunidade, técnicos e poder público, a Associação Pro Moradia Popular demonstra que o direito à moradia não se limita a ter um teto, mas envolve a garantia de um espaço digno, saudável e integrado ao tecido urbano.

Neste canteiro de lutas e sonhos, o Jardim São Camilo se torna símbolo da potência que emerge quando a arquitetura se alinha com a justiça social. E é ali, no coração da periferia, que está sendo desenhado um novo futuro.



CENTRO — COMUNITÁRIO SÃO CAMILO —

Neste semestre, o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) da Universidade Anchieta deu continuidade ao projeto do Centro Comunitário da comunidade São Camilo, aprofundando o processo de escuta, análise e produção técnica em um exercício de forte valor pedagógico e social.

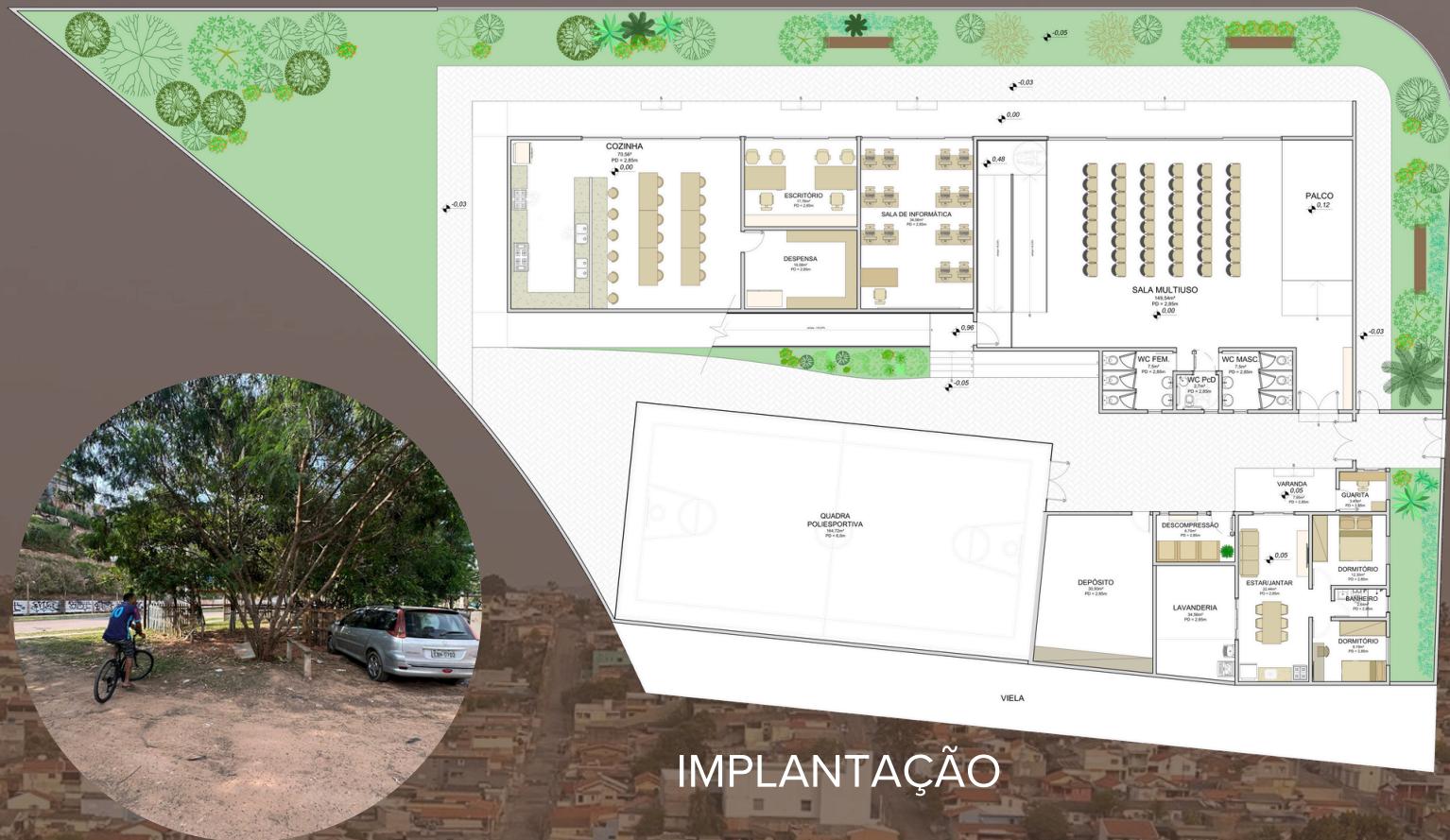
Após as visitas de campo realizadas no semestre anterior, que permitiram o contato direto com os moradores e a construção conjunta de um programa de necessidades, o foco deste período esteve voltado ao desenvolvimento das plantas de estudo do futuro Centro Comunitário. Essas representações foram elaboradas como parte das atividades pedagógicas dos estagiários sob a orientação da coordenadora do curso, professora Danielle Skubs. O processo de concepção dos estudos técnicos foi enriquecido com a participação de convidados especiais, que trouxeram contribuições valiosas ao projeto.

Tivemos a honra de receber Wilson Henrique Silva, morador e liderança comunitária do São Camilo, cuja presença reafirma o compromisso do projeto com uma abordagem verdadeiramente colaborativa. Wilson compartilhou impressões sobre o processo até aqui e destacou pontos essenciais para garantir que o Centro atenda de fato às necessidades da comunidade.

Recebemos também a arquiteta e urbanista Mayara Zambom, especialista em neuroarquitetura, que contribuiu com uma leitura sensível e técnica sobre os espaços projetados. Sua principal sugestão foi a inclusão de uma sala neuro sensorial, proposta com foco na acessibilidade e na inclusão, visando criar um ambiente acolhedor para pessoas neuro divergentes, fortalecendo o papel do Centro como espaço plural e acessível a todos.

O desenvolvimento do projeto do Centro Comunitário São Camilo evidencia a potência da prática extensionista no ensino de Arquitetura e Urbanismo. Ao conectar teoria, prática e realidade social, os estudantes se aproximam dos desafios urbanos de forma concreta, ética e transformadora. O EMAU continua sendo um espaço privilegiado para essa construção coletiva de saberes, experiências e vínculos entre a universidade e a sociedade.

PRIMEIROS ESTUDOS



IMPLEMENTAÇÃO



SUPERIOR

SUPER TRUNFO PATRIMÔNIOS DE JUNDIAÍ — VEM AÍ

Jundiaí possui um vasto patrimônio material e imaterial que merece ser conhecido e valorizado por seus cidadãos e visitantes. Visando aproximar as pessoas dessa rica história, de forma acessível e dinâmica, o EMAU segue desenvolvendo o jogo de cartas: **Super Trunfo — Patrimônios Históricos de Jundiaí**. O projeto foi iniciado pela turma de 2021 do curso, como projeto de extensão, com orientação da professora Carolina Guida. Em função da mudança institucional da prática extensionista, o projeto foi continuado pela coordenadora do curso e supervisora do EMAU, Danielle Skubs, com as turmas de 2024-2 e 2025-1.

Além de proporcionar uma experiência divertida, o jogo tem função educativa e incentivará o conhecimento sobre as principais edificações, monumentos e espaços de valor histórico para a cidade, contribuindo para a valorização e o reconhecimento do seu patrimônio.

A ideia principal é levar o jogo para as escolas, para ser compartilhado com as crianças e a comunidade.

Neste jogo, cada carta representará um patrimônio histórico significativo da cidade, como igrejas, museus, praças, casarões, chaminés e outros pontos de relevância cultural e arquitetônica. Cada patrimônio será apresentado com informações sobre sua história, importância e curiosidades, com o intuito de enriquecer o conhecimento dos jogadores e despertar o interesse pela história local. **Os pontos de cada carta serão baseados em critérios como tombamento, conservação, acessibilidade, impacto social, entre outros.**

O Super Trunfo — Patrimônios Históricos de Jundiaí, vem sendo desenvolvido com base em um rigoroso trabalho de ensino e pesquisa, para garantir que o conteúdo seja fiel à história de cada patrimônio e seja apresentado de maneira atrativa e didática. **A previsão é que o jogo esteja pronto para lançamento em 2025.** As cartas estão todas diagramadas e a turma do EMAU 2025-2, fará as impressões e testes para o jogo ser lançado.

PATRIMÔNIOS
JUNDIAÍ – SP

Escola Conde de Parnaíba

Fonte: Arquivo PMJ (Prefeitura Municipal de Jundiaí)

Ano de construção (Década): 1900

Grau de Proteção: Condephaat (Estado)

Impacto Social: 4,0

Acessibilidade: 5,0

Preservação: 1,7

A escola teve sua instalação em 1906 e foi uma das primeiras escolas públicas do município de Jundiaí carregando até hoje sua importância na história do município.

PATRIMÔNIOS

JUNDIAÍ - SP

**Hospital de caridade São Vicente de Paulo**

Fonte: portalhospitaisbrasil.com.br

Ano de construção (Década): 1900

Grau de Proteção: Lista do IPPAC

Impacto Social: 6,5

Acessibilidade: 3,8

Preservação: 8,3

O hospital inaugurou em 1902 a partir do processo iniciado pelo movimento católico Conferência Vicentina em 1899. Nos séculos 20 e 21 se tornou referência de emergências para a população. Os vitrais internos na capela são doados pelos próprios moradores da cidade devido às vidas salvas em tantos anos.

PATRIMÔNIOS

JUNDIAÍ - SP



UMA DÉCADA DE SONHOS: 10 ANOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA EM JUNDIAÍ**ARTIGO CIENTÍFICO**

UMA DÉCADA DE SONHOS: 10 ANOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA EM JUNDIAÍRENAN ALEX TREFT^[1]DANIELLE SKUBS^[2]AMANDA NEVES P. F. PELLICIARI^[3]CAROLINA GUIDA CARDOSO DO CARMO^[4]**1 | INTRODUÇÃO**

Ao completar dez anos de funcionamento — marco simbolicamente situado entre o ato formal de criação do Curso pela Resolução CONUN nº 021/2014, de 1º de agosto de 2014, e o início efetivo das atividades em 22 de janeiro de 2015 — o Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta consolida sua primeira década histórica com densidade acadêmica, institucional e territorial. Trata-se de um decênio inaugural: ao mesmo tempo, em que encerra a fase de implantação, abre uma etapa de maturação, na qual o prestígio não é pressuposto, mas projeto — a ser construído com método, consistência científica, rigor pedagógico e responsabilidade pública.

A história desse curso se confunde, antes de tudo, com uma ideia matricial: o ser humano vive no espaço. A sala, a casa, a rua, a praça, o templo, a escola, a cidade — tudo aquilo que a vida ocupa, atravessa, representa e transforma é, sob múltiplas perspectivas, espaço. Não se trata apenas de um recipiente físico onde os corpos se movem; o espaço é também mediação social, expressão cultural, infraestrutura econômica, artefato político, território de crenças e valores, registro de técnicas, síntese de tempos e materialidades. Em termos analíticos, portanto, estudar o espaço exige reconhecer suas dimensões simultâneas: sociais, culturais, econômicas, políticas, religiosas, estruturais, físicas e mesmo geológicas. Essa multiplicidade explica por que diferentes campos do conhecimento e profissões se aproximam do tema: geografia, sociologia, economia, engenharia, direito urbanístico, gestão pública, ecologia, história, antropologia, entre outros.

Entretanto, se muitos campos descrevem e interpretam o espaço, a Arquitetura e o Urbanismo possuem uma atribuição distintiva: projetar e qualificar o espaço como síntese intencional entre valores coletivos, necessidades humanas e possibilidades técnicas. Essa responsabilidade projetual não é um adorno do conhecimento; é sua forma aplicada, crítica e pública. Henri Lefebvre observa que “o espaço (social) é um produto (social)” (Lefebvre, 2006, p. 49), isto é, não resulta de neutralidade natural, mas de relações históricas que se materializam em formas, usos, acessos e exclusões. Nessa chave, a Arquitetura e o Urbanismo tornam-se decisivos porque operam exatamente na fronteira entre o espaço como produto — já dado, herdado e por vezes desigual — e o espaço como projeto — possível, debatido, corrigido e instituído.

[1] Docente do Centro Universitário Padre Anchieta - renan.treft@anchieta.br

[2] Docente do Centro Universitário Padre Anchieta - danielle.skubs@anchieta.br

[3] Docente do Centro Universitário Padre Anchieta - amanda.pelliciari@anchieta.br

[4] Docente do Centro Universitário Padre Anchieta - carolina.carmo@anchieta.br

UMA DÉCADA DE SONHOS: 10 ANOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA EM JUNDIAÍ

A tradição profissional do arquiteto remonta aos primórdios da humanidade: desde que o humano deixou de somente ocupar abrigos naturais e passou a transformá-los, houve técnicas e saberes voltados ao habitar. Ao longo do tempo, essa prática se consolidou como profissão, respondendo a demandas artísticas e funcionais, articulando simbolismo e utilidade, permanência e mudança. Na contemporaneidade, contudo, a tarefa se complexifica. A cosmopolitização, a intensificação dos fluxos e o crescimento expressivo das cidades ampliaram não somente a escala dos problemas, mas também a diversidade de programas e experiências que exigem projeto: a cidade e suas infraestruturas; o morar em suas múltiplas tipologias e acessibilidades; o rezar e o celebrar; o habitar e o conviver; o divertir e o produzir cultura; o trabalhar e o deslocar-se. A vida urbana contemporânea, com suas urgências e contradições, demanda profissionais capazes de projetar com visão sistêmica e ética pública.

Milton Santos oferece uma formulação particularmente fértil para compreender essa exigência. Para ele, “o espaço é formado por um conjunto indissociável (...) de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2006, p. 38), e é nessa interação que o espaço ganha dinâmica e se transforma. Em outras palavras: o espaço não é somente a materialidade dos objetos (edifícios, vias, equipamentos, redes), nem somente a soma das ações (práticas sociais, economias, rotinas, políticas). É a inseparabilidade entre ambos que constitui o fenômeno espacial. Essa leitura tem implicações diretas para a formação em Arquitetura e Urbanismo: formar para projetar é formar para intervir em sistemas complexos, nos quais forma e uso, técnica e cultura, estrutura e cotidiano se coproduzem.

Em Kevin Lynch, encontra-se um reforço complementar quando se trata da escala urbana, dada sua dimensão, tempo e complexidade (Lynch, 1960, p. 2). A legibilidade — entendida como a capacidade de reconhecer partes e organizá-las em um padrão coerente — é mais do que conforto cognitivo: é condição para pertencimento, orientação, segurança e inteligibilidade do ambiente. Assim, qualificar o espaço urbano envolve também qualificar a experiência humana da cidade, integrando desenho, percepção, usos e sentidos.

2 | HISTÓRICO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA

É nesse horizonte teórico e prático — espaço como produto social, como sistema indissociável e como experiência legível — que se insere o processo histórico de criação do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. Diante do crescimento expressivo de Jundiaí e região, já interpretado à época como processo de metropolização^[5], tornou-se visível a necessidade de ampliar a formação de profissionais aptos a enfrentar desafios urbanos contemporâneos. Somou-se a isso um dado objetivo de acesso: a cidade contava, à época, com poucos cursos de Arquitetura e Urbanismo, o que obrigava muitos estudantes a deslocarem-se para outros municípios, com impactos financeiros, logísticos e formativos. Nesse contexto, o Centro Universitário Padre Anchieta — instituição com papel consolidado há 85 anos na região, reconhecida por sua inserção territorial e compromisso educacional — deliberou propor a criação do curso, ampliando sua contribuição para o desenvolvimento local e regional.

[5] Jundiaí se tornou região metropolitana reconhecida oficialmente pelo Governo do Estado de São Paulo em 30 de novembro de 2021.

UMA DÉCADA DE SONHOS: 10 ANOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA EM JUNDIAÍ

A gênese do curso, conforme registrado pela própria trajetória institucional, não se limitou a um ato administrativo. O curso começou a ser pensado na estrutura universitária com a escuta de especialistas e com a preocupação explícita de construir uma matriz curricular alinhada às Diretrizes Curriculares Nacionais e, simultaneamente, às demandas contemporâneas da profissão. Essa dupla vinculação — ao marco regulatório e ao tempo presente — é central para compreender o caráter acadêmico do projeto pedagógico: uma formação que se quer tecnicamente robusta, criticamente fundamentada e socialmente pertinente.

Após trâmites institucionais, a criação foi formalizada pela Resolução CONUN nº 021/2014, de 1º de agosto de 2014, e o curso iniciou suas atividades em 22 de janeiro de 2015. Dez anos depois, esses dois marcos podem ser lidos como fundacionais: o primeiro, por instituir juridicamente o curso no interior da governança universitária; o segundo, por inaugurar a materialidade pedagógica do projeto — a sala de aula, o ateliê, o encontro docente-discente, a cultura de avaliação, os ritos de passagem acadêmicos.

Os indicadores e eventos subsequentes ajudam a narrar a consolidação desse ciclo inicial com base em evidências. Em 2019, ocorreu a primeira avaliação do MEC voltada ao reconhecimento do curso, com conceito 4. O reconhecimento foi posteriormente formalizado por meio da Portaria nº 559, de 03 de dezembro de 2020. Esse conjunto de registros possui valor histórico porque indica que, ainda no primeiro quinquênio de funcionamento, o curso demonstrou consistência em critérios nacionais de qualidade, frequentemente associados à organização didático-pedagógica, ao corpo docente e à infraestrutura, entre outros componentes avaliativos.

No plano formativo, a primeira turma de concluintes, em 2019, contou com 28 formandos — 8 do período diurno e 20 do noturno. Até o primeiro semestre de 2025, o curso registrou 177 egressos, sendo 12 do diurno —

— (2019 e 2020) e 165 do noturno. Esses números não são meramente estatísticos: constituem um retrato institucional de alcance social e de democratização do acesso, na medida que a expressiva participação do noturno sugere atendimento a perfis estudantis que conciliam trabalho e formação, ampliando a capilaridade do curso no território.

A história do curso também se organiza em torno de suas lideranças acadêmicas. O primeiro coordenador, prof. Me. Thales Augusto Filipini Righ, atuou de 2014 até maio de 2021, período que coincide com a implantação, dos primeiros ciclos de integralização curricular, a preparação para avaliação externa e o acompanhamento da primeira fase de egressos.

A partir de agosto de 2021, a coordenação passou a ser exercida pela prof.ª Ma. Danielle Skubs, responsável pela condução do curso em uma fase de continuidade e aperfeiçoamento, na qual a estabilização administrativa abriu espaço para aprofundamentos pedagógicos, consolidação de práticas avaliativas internas e fortalecimento de identidade institucional.

Em 2023, os resultados do ENADE registraram conceito 4, acompanhado de Conceito Preliminar de Curso (CPC) 4 e IDD 4. No mesmo contexto avaliativo, registra-se que o curso obteve a maior nota de CPC da região entre as IES privadas consideradas na comparação, reforçando a leitura de desempenho destacado no ecossistema local. Para um curso que ainda se encontra em fase relativamente jovem, tais indicadores funcionam como evidência de que o projeto pedagógico e a estrutura acadêmica alcançaram patamar de consistência muito acima do exigido por atos regulatórios, embora a própria lógica universitária recomende que tais resultados sejam tratados como base para melhoria contínua, e não como ponto de chegada.

UMA DÉCADA DE SONHOS: 10 ANOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA EM JUNDIAÍ

Se a dimensão histórica organiza a narrativa em marcos, números e lideranças, a dimensão científica exige explicitar o sentido público da formação em Arquitetura e Urbanismo. A qualificação do espaço — seja na escala da edificação, seja na escala urbana e territorial — é uma forma de produzir saúde, segurança, acessibilidade, eficiência ambiental, justiça espacial e memória coletiva.

Milton Santos distingue paisagem e espaço ao afirmar que “a paisagem é o conjunto de formas (...) [e] o espaço são essas formas mais a vida que as anima” (Santos, 2006, p. 65). A frase tem potência didática: formar arquitetos e urbanistas é formar profissionais capazes de intervir não somente em “formas”, mas na vida que nelas acontece — vida atravessada por desigualdades, aspirações, conflitos e pactos sociais.

3 | MARCOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Ao longo desta primeira década, a materialidade do projeto pedagógico se manifestou em ações que transcendem a sala de aula, consolidando-se como marcos de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Entre as iniciativas que fundamentam essa trajetória, destacam-se: (i) a estruturação do Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) como espaço de práxis; (ii) a criação da revista COLAB AU, veículo de difusão científica do curso; (iii) os projetos de extensão de impacto social e (iv) a cultura das viagens de estudo com extensão da sala de aula. Essas são apenas algumas de muitas ações e atividades, de igual importância, que fazem parte da história desses 10 anos do curso.

3.1 | ESCRITÓRIO MODELO DE ARQUITETURA E URBANISMO (EMAU)

Instituído em 2018 sob a coordenação do docente Thales Filipini Righi e supervisão do professor Pedro Renan Debiazi, o EMAU configurou-se como um elo vital entre a academia e as demandas da sociedade civil. Mais do que um espaço para o estágio obrigatório,

o escritório opera como um laboratório de responsabilidade social, prestando serviços a comunidades carentes e permitindo que o discente compreenda a organização técnica de um escritório. Ademais, o EMAU organiza atividades extraclasse do curso, como as Semanas da Arquitetura e Urbanismo.

Figura 01: Alunas do EMAU de 2019.



Fonte: Acervo da coordenação do curso.

3.2 | COLAB AU – REVISTA DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Como resposta à necessidade de sistematizar e difundir a produção intelectual interna, a revista COLAB AU foi lançada em 2019. Com periodicidade semestral e formato digital, a publicação acolhe desde reflexões discentes até artigos científicos de colaboradores externos, promovendo um debate situado sobre as temáticas contemporâneas da área. Sua edição inaugural, sob o tema 'Negação da Forma', exemplifica o compromisso do curso com o pensamento crítico e a investigação das materialidades. Essa edição foi organizada e editada pela professora Carolina Guida Cardoso do Carmo e os alunos do EMAU.

As revistas COLAB AU são hospedadas na web, em site específico, onde podem ser acessadas todas as revistas do Centro Universitário Padre Anchieta. As revistas do curso ficam hospedadas no link: <https://revistas.anchieta.br/index.php/colabau>.

UMA DÉCADA DE SONHOS: 10 ANOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA EM JUNDIAÍ

Figura 02: capa da primeira revista COLAB AU.



Fonte: <https://revistas.anchieta.br/index.php/colabau/issue/view/176/151> Acesso em: 20 dez. 2025.

3.3 | PROJETOS DE EXTENSÃO

A extensão universitária, no curso de Arquitetura e Urbanismo, assume o papel de tradutora do conhecimento técnico para a linguagem da cidadania.

Exemplo disso, foi o desenvolvimento da Cartilha da Cidade de Jundiaí, projeto da turma ingressante de 2020, que converteu pesquisas acadêmicas em uma ferramenta didática sobre 8 eixos da Arquitetura e Urbanismo, para a população local.

O projeto foi organizado e conduzido pela professora Danielle Skubs, visando orientar a comunidade sobre alguns de seus direitos, por meio de um material informativo e interativo.

Figura 03: Cartilha da Cidade de Jundiaí.



Fonte: https://drive.google.com/file/d/1PqjAPiGT_GJWrzE5gJqPjWToVdmahjh-/view?usp=drivesdk Acesso em 20 dez. 2025.

Complementarmente, o Jogo do Patrimônio de Jundiaí-SP, concebido pela turma de 2021 e orientado pela professora Carolina Guida Cardoso do Carmo, utilizou a ludicidade para sensibilizar a comunidade sobre a memória edificada.

Baseado na mecânica de cartas e do tradicional “**SUPER TRUNFO**”, o projeto permite que a população interaja com conceitos complexos, como graus de proteção e conservação, estimulando um pertencimento ativo em relação aos bens históricos do município. A ideia do projeto, que foi lançado esse ano, é ser difundido em escolas da cidade.

Figura 04: Cartas do jogo do patrimônio.



Fonte: Acervo da coordenação do curso.

UMA DÉCADA DE SONHOS: 10 ANOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA EM JUNDIAÍ

A turma do EMAU do segundo semestre de 2025 jogou algumas partidas para testar as regras e a jogabilidade.

Figura 05: Turma do EMAU 2025 jogando para pré-testes.



Fonte: Acervo da coordenação do curso.

3.4 | VISITAS E VIAGENS DE ESTUDO

Neste projeto pedagógico, em 10 anos, as viagens de estudo sempre foram compreendidas como exercícios de legibilidade e de vivências urbanas e nos edifícios. Desde a visita emblemática à Casa de Vidro de Lina Bo Bardi em 2019, até as incursões recentes à cidade de Paranapiacaba e às Bienais de Arquitetura e de Arte em São Paulo, em 2025, o curso mantém uma tradição.

Figura 06: Visita à Casa de Vidro da Lina Bo Bardi em 2019



Fonte: Acervo da coordenação do curso.

O objetivo das saídas, é o de confrontar o aluno com a escala real do objeto arquitetônico e de permitir a construção de repertório, fundamental para o curso.

Figura 07: Visita à Paranapiacaba em 2025.



Fonte: Acervo da coordenação do curso.

A visita às Bienais de Arquitetura e Arte, a primeira do curso, foi um marco expressivo que aponta para a maturidade do curso e dos alunos, que compareceram em massa para apreciar o melhor que os profissionais da área podem oferecer.

Figura 08: Visita às Bienais em 2025.



Fonte: Acervo da coordenação do curso.

UMA DÉCADA DE SONHOS: 10 ANOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA EM JUNDIAÍ

Figura 09: Visita as Bienais em 2025.



Fonte: Acervo da coordenação do curso.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O registro histórico dos dez anos do curso pode ser lido como compromisso de futuro. A década inicial cumpre a função de fundação: criar linguagem comum, sedimentar rotinas acadêmicas, instituir cultura de qualidade, formar os primeiros egressos e estabelecer reconhecimento externo. As décadas seguintes tendem a exigir aprofundamento: consolidar pesquisa aplicada, ampliar inserção extensionista orientada por problemas urbanos reais, fortalecer vínculos com a região e com redes acadêmicas mais amplas, promover atualização tecnológica e metodológica, e produzir um debate crítico permanente sobre cidade, ambiente construído e território.

Nesse sentido, a história não se encerra no memorialismo. Um curso de prestígio — entendido, aqui, como prestígio acadêmico e socialmente responsável — não se constrói apenas por reputação, mas por coerência entre diagnóstico e intervenção: ler as transformações urbanas de Jundiaí e região; formar

profissionais capazes de projetar com rigor técnico e sensibilidade social; produzir conhecimento situado, verificável e útil; e manter, como orientação permanente, a ideia de que o espaço é o lugar onde a vida se realiza — e, portanto, onde a educação superior deve responder com seriedade, método e compromisso.

Ao registrar esses dez anos, o Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta afirma, simultaneamente, sua origem e sua vocação: nascer de uma demanda territorial concreta, sustentar-se por critérios nacionais de qualidade e orientar-se por uma ciência do espaço que não separa forma e vida, objeto e ação, cidade e cidadão. A primeira década, assim, é menos um ponto comemorativo do que um documento de fundação: a demonstração de que o futuro — projetado, como convém à Arquitetura e ao Urbanismo — começa quando se constrói uma base sólida, pública e criticamente fundamentada.

5 | REFERÊNCIAS

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. (Do original: *La production de l'espace*. 4. éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão da tradução: 2006.

LYNCH, Kevin. **The Image of the City.** Cambridge, MA: The MIT Press, 1960.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2006.

EMAU 2025-1



EDUARDA

*"E eu lá sou mulher de fazer backup?
Perdi tudo, dane-se eu."*
- Rita Lee



GIOVANA

"A liberdade é ter tempo para viver."
- Virginia Woolf



LORENA

*"Difícil é ser pouco... quando se
transborda ser muito."*
- A própria



PEDRO

*"Como explicar que cruzar os braços é
um problema e que a vida dura só um
minuto?"* - Oscar Niemeyer



SUELLEN

"Tenha coragem e seja gentil".
- Cinderela



THAYSA

*"Sem saber que era impossível ela
foi lá e fez"*

